

**Prova de Exame de 12.º Ano de Filosofia (114)**  
**1.ª Fase – 18/06/2004**

**Proposta de Resolução**

**NOTA INTRODUTÓRIA**

Os tópicos que apresentamos nesta proposta de resolução devem apenas ser entendidos como meras sugestões de resposta.

Com efeito, o carácter aberto dos textos e dos temas em análise e a natureza multifacetada da reflexão filosófica não consentem uma resposta única.

A resolução que apresentamos não corresponde à prova na sua totalidade mas visa tão só traduzir uma possível resposta individual.

**GRUPO I:**

**Platão, *Fédon***

**Item 1.**

- Antes da sua ligação ao corpo a alma contemplou as Formas ou Ideias. De entre as duas formas de conhecimento, sensível e inteligível, somente o conhecimento inteligível torna possível a purificação da alma.
- O conhecimento inteligível como conhecimento filosófico; a filosofia como treino de morrer e de estar morto.
- A purificação da alma como exercício de separação em relação do corpo. A morte como separação da alma do corpo.
- Dada a impossibilidade de separação da alma do corpo enquanto dura a ligação entre ambos, a reminiscência do inteligível surge como única via de acesso ao conhecimento da Verdade e do Bem.

**Item 2.**

- As coisas são o que são por participação nas ideias.
- As ideias em si, em nós ou nas coisas não admitem a contradição, de modo que, por exemplo, nunca se poderá verificar um ímpar par ou um frio quente nem um três par ou uma neve quente.
- Do mesmo modo, como a alma está intimamente associada à ideia de vida e esta é incompatível com a morte, conclui-se que a alma não pode morrer. Como o imortal também é imperecível, logo a alma é imortal e imperecível.
- Finalmente, de um ponto de vista moral, a conclusão anterior impõe a todo o homem sensato a escolha da virtude e da sabedoria, de cujo exercício continuado depende o destino da alma.

## **Joaquim de Carvalho, *Problemática da Saudade e Elementos Constitutivos da Consciência Saudosa***

### **Item 1.**

- A saudade é um sentimento universal que implica uma desconformidade entre duas vivências: uma actual, desvalorizada (presentação), e uma evocativa, mais significativa (representação).
- A saudade como uma forma de sentir a temporalidade é inerente à vida humana. As vivências fluem irremediavelmente e podem suscitar o sentimento de desconformidade entre o actual - presente e objectivo - e o passado que se viveu. A dimensão afectiva da vivência actual é inferior à da vivência do passado, que é sentido como emotivamente mais significativo e que se deseja reviver.
- É a desconformidade entre o presente afectivamente desvalorizado e o passado significativamente valorizado que implica a relação entre a apresentação (vivência actual), desvalorizada, e a representação evocativa (valorizada e desejada). Porque a apresentação é afectivamente inferior à representação, é que o homem evoca os acontecimentos, os seres, os estados passados ou ausentes.

### **Item 2.**

- A saudade é um sentimento que se dá sempre na consciência e pressupõe uma atitude afectiva e valorativa de factos, situações, entes, estados e sentimentos experimentados anteriormente, reportando, por isso, a uma dimensão íntima e psíquica que não é nem teórica nem prática.
- A dimensão evocativa da consciência saudosa pressupõe que a vivência do passado seja emotivamente intensa e significativa, cuja falta se sente no presente quando a realidade actual é qualitativamente inferior à passada.
- Logo a evocação é retrospectiva: "ter vivido e conservar um núcleo de representações ligadas emotivamente entre si são condições primordiais e indispensáveis da saudade". A consciência saudosa é retrotensa porque se orienta em toda a sua plenitude para o passado. Contudo, a saudade constitui um sentimento de privação e isolamento face ao presente. Não sente saudades quem vive plenamente o presente.
- Assim, a consciência saudosa é um enimesmar-se, um fechamento em relação à realidade circundante. Mas como a saudade é uma evocação retrospectiva implica também um eximesmar-se, na medida em que revela o homem como ser iminentemente relacional. É-se sempre saudoso de...

- Finalmente a consciência saudosa não é expectante, não se projecta no futuro e distingue-se da consciência apaixonada e da consciência erma.

## **GRUPO II:**

### **São Tomás de Aquino, *O Ente e a Essência***

#### **Tema: Os Acidentes**

- No recurso às dez categorias aristotélicas, o predomínio da categoria da substância é indicativo da anterioridade do ser, que é, para São Tomás, o primeiro conhecido. A temática do ente e da essência é determinada pelo modo como nas diversas substâncias os dois termos se coordenam entre si.
- As diversas maneiras de uma substância ser dita, pelas restantes nove categorias, exprimem modos accidentais da substância. Um acidente diz respeito ao modo como o ente existe. O acto de existir identifica-se com um determinado ente que o exprime de modo finito pela essência.
- A predicação de um qualquer acidente numa substância não significa a possibilidade desse acidente existir independentemente dela. Porque o existir accidental de uma substância é um modo relativo de ser, os acidentes são passíveis de definição e de essência, sendo esta um princípio de limitação.
- A diversidade ontológica das substâncias finitas (inteligências e substâncias compostas de matéria e de forma) condiciona uma diversidade ontológica dos acidentes. Se as inteligências se distinguem na sua existência pela forma, as substâncias compostas materiais, distinguindo-se pela forma ou essência, também o fazem pela matéria. Contudo só pela forma pode uma realidade ser dita no quadro dos géneros e das espécies.
- Sendo a matéria princípio de individuação, os acidentes que derivam da matéria são particulares. Os acidentes que resultam da forma são, assim, qualidades dos géneros e das espécies.
- Com o estudo dos acidentes São Tomás atende ao modo mais particular e singular do ente.

## **I. Kant, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes***

## **Tema: Dever e Inclinação**

- O tema apresentado remete para o duplo ponto de vista (numérico e fenoménico), segundo o qual o homem é pensado na obra, bem como para o seu objectivo fundamental que é o da busca do verdadeiro fundamento da moralidade.
- Dever e inclinação aparecem como conceitos opostos, já que o carácter fenoménico da inclinação (nas suas diferentes formas de egoísmo) constitui a fonte principal dos obstáculos à consecução de uma boa vontade. Esta está contida no conceito de dever, entendido como "necessidade de uma acção por respeito à lei" universal, independentemente de qualquer propósito que a vontade queira atingir.
- Daí a distinção entre acção em conformidade com o dever e acção por dever. Só esta tem valor moral (uma vez que a vontade é determinada por respeito à lei racional).
- O dever não é um conceito empírico, não se funda em exemplos, reside na razão pura prática, como conceito *a priori* com validade independente de qualquer questão de facto e, portanto, impõe-se como lei apodíctica, válida universalmente. É esta a lei moral, o imperativo categórico.
- Mas a vontade humana, não sendo uma vontade santa, encontra-se numa encruzilhada: entre a demanda da felicidade e o cumprimento do dever. Aquela identifica-se com a realização duma enorme variedade de inclinações, que têm por base o amor de si (amor patológico). Este apresenta-se como forma superior do amor pela humanidade (amor prático).
- Só o dever, como vontade pura liberta de inclinações, nos torna livres, autónomos, identificando-se, assim, a moralidade com o princípio da autonomia da vontade.

A Texto Editora agradece a gentil colaboração da Associação de Professores de Filosofia.

### **Associação de Professores de Filosofia**

Rua do Teodoro, 72 – 2.º Esq.  
3030-213 Coimbra

Endereço Postal:  
Apartado 1157  
3001-501 Coimbra

Tel. e Fax: 239 713 438  
E-mail: [apfil@clix.pt](mailto:apfil@clix.pt)